TEN ROOMS OF THE MIND

MADNESS

Excess



A LOUCURA GILLETTE

Excesso

DEZ QUARTOS DA MENTE

Existe uma casa que cada um de nós habita sem nunca tê-la escolhido.

Não tem endereço. Não aparece em mapa nenhum. E, no entanto, nós a conhecemos melhor do que qualquer lugar onde tenhamos realmente morado. Dentro dela, há dez portas.

Algumas nós abrimos todos os dias sem perceber.

Outras mantemos trancadas, fingindo que não têm nada a ver conosco.

E há ainda quartos que não fomos nós que construímos e que, mesmo assim, de algum modo carregamos dentro de nós. Isto não é uma teoria.

Não é um manual de psicologia juntando poeira numa prateleira.

É o relato de um homem que atravessou esses dez quartos um por um, muitas vezes sem saber onde estava, e que agora, com alguns anos a mais nas costas, tenta descrevê-los exatamente como os viveu.

Dez portas.

Abri todas.

Algumas com curiosidade.

Algumas a contragosto.

Algumas só quando já era tarde demais para voltar atrás.

Se estes quartos parecerem familiares, não é porque contem a minha história.

É porque, lá no fundo, contam também a sua.

Ferdinando

LOUCURA — Excesso

Me chamaram de louco.

Mais de uma vez.

Às vezes porque eu pensava demais.

Às vezes porque eu sentia demais.

E às vezes simplesmente porque eu via as coisas de outro ângulo.

Com o tempo percebi que loucura é, muitas vezes, o rótulo que damos àquilo que não conseguimos classificar.

Existe, porém, um tipo de loucura que nasce do excesso de sensibilidade.

Do excesso de perguntas.

Da incapacidade de aceitar superfícies sem profundidade.

A loucura é um quarto onde o pensamento corre mais rápido que a linguagem.

Onde as emoções chegam todas de uma vez.

Onde o coração não consegue fechar as portas.

Quem passa por ele nunca sai igual.

Porque viu alguma coisa.

E o que foi visto não pode ser desvisto.

Muitos acreditam que a loucura é o contrário da inteligência.

Não estou convencido.

Às vezes são parentes próximas.

Às vezes a loucura é a inteligência chegando ao seu último limite.

O ponto em que ela já não pode ser contida.

Em que vê conexões demais.

Significados demais.

Realidade demais ao mesmo tempo.

E, quando isso acontece, a linguagem já não basta.

Só o gesto—ou o silêncio—resta como tradutor imperfeito.

Ferdinando